

**SEXTA FILOSÓFICA 2015/2º semestre**  
**POR QUE NIETZSCHE?**

**SESSÃO DE COMUNICAÇÕES**

**2 de outubro de 2015**

**das 20:00 às 21:00**

**Comunicações aprovadas**

***Perspectivismo e devir em Nietzsche***

**Marcelo Fonseca R. de Oliveira**

(Mestrando em Filosofia, UFMG, bolsista CAPES)

**Resumo:**

O presente estudo considera brevemente o perspectivismo nas obras *Além do Bem e do Mal* (1886) e *Gaia Ciência* (1882, 1887), de Friedrich Nietzsche. Para tanto, explica e comenta alguns aforismos relevantes e problematiza o tema, com ênfase em seu estatuto paradoxal. De fato, o paradoxo do perspectivismo é possibilitado pela autorreferência que a tese perspectivista comporta. Pretende-se também introduzir outro passo, não evidente no texto primário, ou seja, mostrar que o perspectivismo é uma tese epistemológica relacionável à tese ontológica do devir. Esta argumentação, contudo, não está separada ao longo do texto e encontra-se mesclada nos argumentos da bibliografia secundária, o que nos mostra a difícil bifurcação entre ontologia e epistemologia, problema que também subjaz o nosso texto.

**Palavras chave:** Perspectivismo, Devir, Paradoxo, Epistemologia, Ontologia.

## ***Nilismo: Entre Nietzsche e Lima Vaz***

**Hilton Wzorek**

(Mestrando em Filosofia FAJE, bolsista FAPEMIG)

### **Resumo:**

O questionamento sobre a desvalorização dos valores e sua necessidade de superação, segundo perspectivas distintas, compreende um papel central tanto no projeto filosófico de Friedrich Nietzsche como no de Henrique Cláudio de Lima Vaz – razão pela qual o problema do niilismo assume uma progressiva preponderância com o amadurecimento intelectual de ambos e constitui uma chave hermenêutica fundamental para qualquer abordagem que se pretenda ampla e condizente para com a estatura intelectual dos filósofos supracitados. Haja vista que a centralidade, complexidade e multiplicidade de matizes dadas na abordagem do niilismo, seja em Nietzsche ou mesmo em Vaz, impeçam operar num espaço limitado uma profunda análise do aparecimento e conteúdo conferido a este conceito no itinerário bibliográfico de cada filósofo em vista a estabelecer sua significação e o progressivo desenvolvimento, o intento que aqui se propõe, ciente desta limitação, é uma análise da questão do niilismo e sua compreensão em relação ao projeto filosófico dos dois intelectuais supracitados. Para isto, e visando a concluir com o estabelecimento de possíveis tangências, apresentar-se-á primeiramente a questão como colocada em Nietzsche e posteriormente em Lima Vaz.

**Palavras-chave:** Nietzsche, Lima Vaz, Niilismo.

# 1º ENCONTRO DE PESQUISA EM FILOSOFIA

5 e 6 de novembro de 2015

## **A indeterminação da tradução e os seus pressupostos**

***Acrísio Luiz Gonçalves***

(Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
Bolsista CNPq.)

### **Resumo:**

Desde seu estabelecimento em *Word and Object* (1960), a tese da *indeterminação da tradução*, de Willard V. O. Quine, tem sido fonte de inúmeros debates. Contudo, esta tese é ainda bastante mal compreendida em sua formulação e em seus pressupostos, conforme destacou o próprio Quine. Diversos intérpretes e críticos citam a *tese da subdeterminação das teorias*, o *fisicalismo* ou *behaviorismo* quiniiano como o principal suporte para a indeterminação. Inicialmente, pretendo mostrar que as tentativas de justificar a referida tese, a partir da tese da subdeterminação, negligenciam o caráter ontológico da primeira. Posteriormente, defenderei que o fisicalismo quiniiano não é imprescindível à tese da indeterminação da tradução (ou que, nesse contexto, o fisicalismo quiniiano reduz-se ao behaviorismo), e que a orientação behaviorista, assumida por Quine, é mais branda e contextual do que supõe a maioria de seus críticos, por não endossar nada além daquilo que é defensável a partir do próprio empirismo. Por fim, concluirei que uma caracterização do núcleo da argumentação quiniiana, para a tese da indeterminação, deve ser estabelecida, unicamente, a partir do empirismo (externalizado) adotado por Quine.

**Palavras-chave:** Quine, Fisicalismo, Indeterminação.

## **Êthos filosófico em Foucault: A História da Loucura**

***Alessandra Peixoto dos Santos***

(Mestre em Filosofia, Especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea, UERJ)

Orientador: Fabiano de Lemos Britto.

**Resumo:**

Apresentar a problemática do ser humano desde a sua proposição enquanto sujeito, será nosso ponto de partida, para em seguida relacionarmos subjetividade e loucura. Assim, desde Descartes, a pergunta pelo homem e seu cogito, permitirá, de um lado, a discussão da interioridade radical, e, de outro, levará à intromissão desse mesmo cogito excludente da loucura, no percurso da dúvida. O louco será um apartado social. Em relação a Kant e sua concepção de um sujeito "transcendental", estruturando toda possibilidade de realidade a partir das categorias do sujeito, aprioristicamente, Foucault representará, justamente, aquele que apresentará uma nova via no papel de superação e independência do sujeito. Em Kant, esse mesmo louco será evitado como um monstro. Assim, teremos por objetivo central nesta pesquisa acompanhar os passos dados por Foucault em toda essa problemática da loucura, problematizando e apropriando-nos em nosso trabalho das suas metodologias e sistemáticas específicas: a arqueologia e a genealogia. Realçando a importância da superposição de camadas históricas à suposição do saber, e, apresentando as relações necessárias que há entre saber e poder. A História da Loucura se propõe a percorrer as diversas configurações arqueológicas, demonstrando como a radicalização de um processo de dominação do louco, se inicia com as formas de saber que vão surgindo, e não nos chamados espaços institucionais designados aos loucos, conforme se pensava.

**Palavras-chave:** Sujeito, Arqueologia, Genealogia, Loucura.

## **Sobre o nascimento da filosofia árabe: tradução e influência**

**Allan Neves**

(Doutorando UFMG, linha de pesquisa: Filosofia árabe medieval/  
bolsista CNPQ)

**Resumo:**

O levantamento dos alicerces que vieram a sustentar o pensamento filosófico no mundo árabe ocorreu em uma dinâmica e incessante atividade de coleta, tradução e interpretação de obras gregas especialmente nos séculos VIII e IX d. C., no Iraque, que eram assimiladas e discutidas tão logo se tornavam descobertas. Dos segmentos da filosofia grega clássica e helenística que se propagaram até o século VI d.C. e eram conhecidas no império Bizantino, os

tradicionalmente chamados pensamento peripatético e neoplatônico se fizeram conhecidos no meio de língua árabe sob a égide da dinastia Abássida que assumia o controle do império Islâmico. Nesta comunicação, esboçamos alguns aspectos do movimento de tradução grego-árabe, das obras filosóficas vertidas nesse processo, das circunstâncias que o conduziram e de como a filosofia árabe (a chamada falsafa) emergiu, primeiramente com al-Kindî, como um complexo vivo e em construção desses fatores.

**Palavras-chave:** Falsafa, Filosofia Árabe, Interpretação.

## **Ética e filosofia na poética de Guimarães Rosa**

**Arthur Carvalho Moraes**

(Graduação em Filosofia, FAJE)

### **Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar parâmetros éticos atuais a partir de uma aproximação entre a filosofia e a literatura. Para isso, analisa o conto "Campo Geral" de Guimarães Rosa à luz do pensamento ontológico de Martin Heidegger e da hermenêutica de Paul Ricoeur. A partir da proposta heideggeriana de recuperar uma ética originária, vê-se que o personagem Miguilim da narrativa de Guimarães Rosa se encontra jogado na facticidade da existência, de onde (re)faz sua ação a posteriori e desde dentro, pelo desejo e pelo cuidado do Ser. Por sua vez, por intermédio da Hermenêutica de Ricoeur, reconhece-se a criação de uma forte empatia entre Miguilim e o leitor do conto, que se vê transportado para dentro do texto, com sua imaginação e seus campos sensoriais fecundados, e de onde é devolvido à realidade factual com novos significados à sua ação e sua existência. O trabalho conclui que, na anfibia entre o Dizer e o Dito, a existência fictícia dos personagens das narrativas ativa a existência real dos leitores, criando-lhes um mundo de possibilidades para sua ação, com referências e desejos inéditos sobre si mesmo, os outros e o mundo.

**Palavras-chave:** Ética, Existência, Imaginação, Ação.

## **Considerações sobre o significado da palavra filosofia no século V a.C.**

**Brener Alexandre**

(Mestrando em Filosofia, FAJE)

**Resumo:**

No século V a.C. a palavra filosofia era empregada no sentido coloquial para designar todo e qualquer tipo de saber. Objetivo dessa comunicação é apresentar os empregos do termo filosofia antes da concepção consagrada por Platão no *Banquete*, *Fedro* e *República*, tomando o *Eutidemo*, diálogo também de Platão, como referência para analisarmos o uso do vocábulo filosofia. O *Eutidemo* será tomado como ponto de partida e faremos uma breve digressão vendo o uso de termos afins como *sophía*, *gnomé*, *tekhné*, *sophistés* entre outros termos. O ponto de partida será o pedido de Sócrates aos sofistas para que convença o jovem Clíncias da necessidade de amar a filosofia (*chré philosophéin*) e de cultivar a virtude (*areté epimeleisthai*) (*Eut.* 275a 5), e assim nos aproximarmos da compreensão ordinária da palavra filosofia que aparece no diálogo platônico oferecendo nos uma visão panorâmica da filosofia como modo de vida tal como é proposto por Pierre Hadot na obra *O que é Filosofia Antiga?* Esclarecendo a natureza prático-teórica da sabedoria filosófica no século V a.C.

**Palavras chave:** Platão, Filosofia, Sabedoria Filosófica, Ética.

## **Uma análise do sofrimento na perspectiva schopenhaueriana**

**Camila Soares Dutra Elias**

(Mestranda em Filosofia, FAJE)

**Resumo:**

Quando nos deparamos com a realidade do homem — este ser de ganhos e perdas, que carrega as dores do nascimento, do crescimento e da vida adulta até o fim de sua passagem pelo mundo —, percebemos o quanto o sofrimento é parte da condição da existência humana, e que não consiste em algo pelo qual se pode optar em vivenciar ou não. Pensamos, então, que a filosofia de Schopenhauer poderia nos auxiliar na compreensão acerca do sofrimento, uma vez que a discussão sobre o tema é sempre atual, em especial numa sociedade em que a felicidade e o bem estar, aparentemente estão acima do próprio indivíduo, constituindo assim um ideal de vida. A presente comunicação tem como proposta apresentar a concepção de sofrimento de Arthur Schopenhauer, bem como as possibilidades que este pensador nos apresenta para a "solução" desse problema. Ou melhor, os caminhos que o filósofo

aponta para a saída dessa dolorosa condição na qual o homem se encontra. O trabalho é parte da pesquisa de mestrado desenvolvida na FAJE.

**Palavras-chave:** Schopenhauer, Sofrimento, Condição Humana.

## **A contribuição da reflexão de Jean Ladrière sobre a razão para a superação da hegemonia da racionalidade científica**

***Carlos Henrique Machado de Paiva***

(Mestrando em Filosofia, FAJE, Bolsista da CAPES)

### **Resumo:**

Com o profundo desenvolvimento das ciências, a racionalidade científica, desde a modernidade, passou a ocupar um lugar de grande destaque no campo do conhecimento e isso implica uma dada concepção de razão. Pretende-se, nesse estudo, discutir de que modo o filósofo Jean Ladrière, em algumas de suas obras, apresenta sua concepção de razão e racionalidade que favorece a superação desse reducionismo da razão. Primeiramente, considera-se como o autor, com base em Hegel e Husserl, adere a um conceito dilatado de razão. Em seguida, intenta-se analisar o modo como a racionalidade científica impacta sobre as culturas, particularmente a ética e a estética. Por fim, apresenta-se a razão marcada por uma dimensão escatológica e por uma classificação nas ordens do conhecimento e da ação. Desse modo, ao conceber a razão em sua dinamicidade, reflexividade e com suas dimensões teórica e prática, Ladrière contribui para a superação de uma visão reducionista da razão, cujo valor era restrito ao empiricamente verificável.

**Palavras-chave:** Razão, Racionalidade científica, Ladrière.

## **Levinas e a recusa ao Sagrado**

***Cláudio Teles de Tolêdo Bernardes***

(Mestre em Teologia pela PUC-SP. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da FAJE)

### **Resumo:**

O estatuto da recusa do sagrado no pensamento de Levinas é quase tão forte quanto à crítica do autor ao primado do Mesmo em detrimento do Outro no âmbito da filosofia ocidental. Por conseguinte, no pensamento levinasiano o acesso ao divino não se dá por um vínculo com o sagrado e o numinoso, mas pela obediência ao mandamento ético que provêm do rosto do outro. Nosso objetivo consiste em demonstrar o modo como, em Levinas, a ética enquanto filosofia primeira se equipara ao conceito de religião, bem como explicitar o sentido dado a tal conceito e sua relevância dentro da proposta filosófica do autor. Nossa metodologia consiste na realização de uma análise filosófica de textos levinasianos sobre a religião, extraídos dos ensaios sobre o judaísmo presentes na obra *Difficile Liberté* e de textos sobre a questão de Deus publicados em *De Dieu qui Vient à l'idée*. Deste modo, a presente investigação se conclui com uma apresentação sobre a maneira como, paradoxalmente, a crítica levinasiana ao sagrado e a outros aspectos ligados à religião ocidental, estabelece tanto uma forma de pensar a ética enquanto um rompimento com a autonomia do Ser, quanto uma rearticulação filosófica ancorada na alteridade e na heteronomia.

**Palavras chaves:** Ética, Religião, Alteridade, Heteronomia, Filosofia da religião.

## **O paradigma científico na perspectiva de Hume**

***Crysmar Dutra***

Graduando (FAJE)

### **Resumo:**

A presente comunicação tem como finalidade discutir a possibilidade de se pensar a ciência, enquanto modelo de construção do saber de uma época, adotado pela comunidade intelectual sob a visão cética de David Hume, utilizando-se um cotejamento com as seções 2, 3, 4 e 5 do "Investigação sobre o entendimento humano." Hume tem em vista na construção desta obra, assim como em parte considerável da sua filosofia, que ulteriormente influenciará Kant, a condição de se obter um conhecimento verdadeiro. Rejeitando a tradição racionalista, Hume parte da experiência cotidiana, dos sentidos e das sensações. Todas as nossas ideias têm origem na experiência e nem sequer a imaginação, enquanto faculdade livre para anexar ideias, tem a capacidade de conceber um objeto sem uma experiência anterior. Estas ideias, por sua vez, se associam de três modos conforme elaborado por Hume, a saber, semelhança, contigüidade-no tempo e espaço e na relação de causa e efeito. Hume, afirma,

desta maneira, que as operações da mente e, com efeito, toda a nossa faculdade cognitiva, está restrita a certos parâmetros. Através do hábito de se observar determinado fenômeno suceder na natureza, se pressupõe que assim continuará eternamente. Hume infere que o hábito é o guia da vida humana. A ciência é construção humana, portanto, não consegue transcender esse limite do entendimento. Os cientistas, embora providos de teorias plausíveis, mecanismos eficazes de medição não podem crer que possuem a verdade. Pois, não há nenhuma garantia que pressupõe a continuidade deste determinado fenômeno.

**Palavras chaves:** Hume, Idéias, Hábito.

## **A inteligência como recompensa da fé em Santo Agostinho**

***Daniel Ribeiro de Almeida Chacon***

(Mestrando em Filosofia, FAJE)

### **Resumo:**

O objetivo desta comunicação consiste em analisar um aspecto fundamental da filosofia agostiniana, a saber: a inteligência da fé. Em Santo Agostinho, a dimensão incompreensível da fé trinitária não rejeita o ser humano, antes se abre como um efeito em que o que se encontra conduz a procurar e o que se procura conduz a encontrar, ou seja, aquele que se esforça para buscar a Deus deve saber que Ele é buscado para ser encontrado, e, encontrado para ser buscado com mais ardor e diligência ainda. Este é, por conseguinte, o movimento da fé que conduz à inteligência. O ser humano, diante do incompreensível deve, então, aplicar-se numa busca incessante em direção a uma promessa apontada pela fé. Nesse sentido, a inteligência surge como recompensa da própria fé - *intellectus merces est fidei*. Ora, é o próprio *intellectus fidei*, enquanto um compreensão amorosa da revelação cristã, que o induziu a se aprofundar, até o possível, naquilo em que se crê. Ainda, Santo Agostinho considera que sem a dimensão da fé, o ser humano se enclausura numa espécie de absolutização da finitude, da própria perversidade que impera na era presente. Apenas por meio da fé o homem pode transcender a realidade intramundana na vívida esperança de alcançar a plenitude da vida feliz. Contudo, a fé que indiscutivelmente é essencial para o alcance do Sumo Bem, solicita um aprofundamento reflexivo de seus conteúdos. Nesse cenário, se dá a questão das relações entre fé e razão na filosofia agostiniana. Dessarte, a metodologia utilizada será a da revisão bibliográfica.

**Palavras-chave:** Santo Agostinho, Fé, Finitude.

## **Possibilidades reais e ordem espontânea: um diálogo entre Karl Popper e Friedrich Hayek**

**Diego Henrique Figueira de Melo**

(Doutorando, UFMG).

### **Resumo:**

O objetivo da comunicação será apresentar a proposta metafísica de Karl Popper acerca do cálculo de probabilidades e mostrar como ela fundamenta a interpretação de fenômenos complexos (ou fenômenos de massa) proposta pelo economista Friedrich Hayek. Para a realização do trabalho será retomado a teoria da propensão de Popper e sua leitura acerca dos fenômenos estocásticos. A proposta do filósofo pode ser encarada como uma teoria metafísica modal, pois o mesmo defende a existência de possibilidades no mundo. A teoria de Hayek acerca dos fenômenos estatísticos possui mais um viés epistêmico do que metafísico. O economista assume que é impossível compreender por completo o funcionamento de um fenômeno estatístico complexo, sendo que a falta de informação necessária apenas permite inferir uma ordem que surge espontaneamente. A proposta da comunicação é aproximar a tese dos dois pensadores (e amigos) a respeito dos fenômenos estocásticos, mostrando que a interpretação modal de Popper pode servir de fundamento para a posição epistêmica de Hayek acerca do comportamento dos coletivos estatísticos. Para concluir a apresentação será mostrado como a ordem espontânea surge a partir das possibilidades existentes na natureza, ou melhor, que ela é a atualização de uma infinidade de possibilidades.

**Palavras-chave:** Popper, Hayek, Fenômenos Estocásticos.

## **O conselho paroquial como um *locus* de construção do sujeito político: uma experiência discursiva**

**Francisco Antônio de Vasconcelos**

(UESPI)

### **Resumo:**

Em Habermas, reencontramos um dos temas mais caros à Modernidade: a afirmação do sujeito que inventa a sociedade civil frente ao Estado. Nosso filósofo vê, no processo de subjetivação, a

identidade de um "eu" que se efetiva na relação dialítica com o "tu". A pesquisa aqui apresentada tem por objetivo investigar a construção do sujeito político a partir da participação dos Conselhos Paroquiais, considerando o Conselho como um locus de tomada de decisões que funciona, relativamente próximo à tese habermasiana, de acordo com a qual, as decisões devem ser tomadas de modo discursivo, respeitando o princípio que diz que todos os envolvidos nessas discussões devem participar em condições ideais de fala. A metodologia empregada é a História Oral — mais especificamente entrevistas com trajetórias de vida e entrevistas temáticas, com os membros dos conselhos, no período estudado — e a Pesquisa Bibliográfica. As fontes bibliográficas a serem utilizadas compreendem não apenas especificamente a temática em estudo, mas obras sobre a relação Religião-Política, com o objetivo de perceber melhor as implicações da atuação da Religião no espaço público, sem, contudo, prender-se a marcos cronológicos delimitados pelo recorte temporal (década de 2000). Os resultados obtidos até o momento nos permitem concluir: O CP dá atenção aos problemas que afetam a comunidade não-paroquial; o CP tende a ser um locus com baixos índices de estigmatização; o poder simbólico pode criar dificuldades para a tomada discursiva de decisões.

**Palavras-chave:** Conselho Paroquial, Decisões, História Oral.

## **A linguagem filosófica de Hegel**

***Felipe Henrique Canaval Gomes***

(FDRP-USP)

Orientadora: Cristina Bernardo Godoy de Oliveira

### **Resumo:**

Considerado por vezes um filósofo obscuro e truncado, os textos propriamente filosóficos de Hegel desafiam a compreensão do leitor contemporâneo. Por outro lado, estudiosos de sua obra não deixam de reconhecê-lo como um perspicaz articulador de conceitos e criador de metáforas. Nesse trabalho apresentamos as relações de Hegel com a linguagem — as relações históricas (cultura filosófica e política) e filosóficas (as demandas de seu próprio sistema) de Hegel com a linguagem. O método se caracteriza por uma abordagem histórica e sistêmica das principais obras de Hegel, realçando as dimensões da tradição filosófica, da política e da religião em sua linguagem filosófica. Assim, além dos trabalhos desse filósofo, considerados como textos-base, recorreremos à contextualização disponível em

estudos de alguns comentadores. Além da distância temporal e linguística que separa Hegel do leitor (brasileiro) contemporâneo, podemos identificar outras três razões para esse distanciamento: (1) Hegel utiliza um arcabouço teórico plenamente identificável em trabalhos da tradição do Idealismo alemão, pouco familiarizado ao público atual. (2) Hegel viveu em um período de censura na Prússia; o estilo obscuro é uma técnica comum empregada em momentos de repressão. (3) Devido às exigências sistêmicas e unitárias de sua filosofia, a doutrina hegeliana deve se impor em bloco, mesmo naqueles aspectos que tratam de filosofia e religião.

**Palavras-chave:** Hegel, Linguagem, Metáforas.

## **A passagem do saber fenomenal para o saber necessário na *Fenomenologia do espírito* de G. W. F. Hegel**

***Felipe Rodrigo dos Santos***

(IFITEG)

### **Resumo:**

Na obra *Fenomenologia do espírito*, Hegel demonstra uma mudança no conhecimento na passagem do saber fenomenal para o saber necessário. O saber fenomenal é tratado por Hegel na primeira figura da seção Consciência, primeira figuração da obra mencionada. O ponto de partida do conhecimento da consciência natural é que o saber é simples e imediato. Na primeira dialética Hegel a descreve em vista do objeto e a inverdade recai no Eu. Na segunda, a verdade se encontra no Eu e a inverdade no objeto. E na terceira dialética, ora a verdade se encontra no objeto e a inverdade no Eu, ora a verdade no Eu e a inverdade no objeto. O resultado dessa figura é que o saber que inicialmente é tido como simples e imediato transforma-se em universal e mediato. A pesquisa tem por escopo a análise na passagem do saber fenomenal para o saber necessário, apresentado por Hegel na seção consciência, elucidando que há uma mudança no conhecimento por meio da relação entre sujeito e objeto. Além disso, quer contribuir na compreensão de como que se dá o conhecimento do fenômeno por meio da noção de experiência e não pelo método da separação entre sujeito e objeto proposto pelos filósofos modernos René Descartes e Immanuel Kant. A pesquisa é bibliográfica, abrangendo textos já publicados sobre o tema, a fim de uma melhor compreensão.

**Palavras-chave:** Hegel, Fenomenologia do Espírito, Saber.

## **O “Mundo do Texto” como o centro da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur**

***Frederico Soares de Almeida***

(FAJE - UFMG)

### **Resumo:**

O objetivo desta comunicação consiste em apresentar aquilo que Ricoeur denomina como “Mundo do Texto”. A apresentação buscará mostrar como Ricoeur construiu seu pensamento a respeito da noção de “Mundo do Texto” a partir de uma reflexão sobre a função referencial de discursos não descritivos, tais como poemas e narrativas. Ricoeur compreende que seus estudos com respeito ao “Mundo do Texto” partem da análise da inovação semântica introduzida na obra dentro do discurso poético, graças à metáfora, e dentro do discurso narrativo, com base na intriga. Para Ricoeur a expressão “Mundo do Texto” está fundamentalmente relacionada com a tarefa da hermenêutica. A tarefa principal da hermenêutica escapa a alternativa da genialidade do romantismo e da estrutura do estruturalismo. Ele liga a tarefa principal da hermenêutica com a noção de “Mundo do Texto”. Ricoeur define o “Mundo do Texto” como um mundo que um texto propõe, um mundo no qual o leitor pode habitar, um mundo no qual se pode projetar seus possíveis mais próximos. É o “Mundo do Texto” que em primeiro lugar torna um determinado texto significativo. Isso porque é ele quem dá ao mesmo, sentido e referência. A interpretação se torna possível, graças à categoria defendida por Ricoeur como “Mundo do Texto”.

**Palavras-chave:** Hermenêutica, “Mundo do Texto”, Interpretação.

## **Produtividade da natureza e produto artístico: um paralelismo schellingiano**

***Gabriel Assumpção***

(UFMG)

### **Resumo:**

Tema: O trabalho conecta filosofia da natureza e filosofia da arte em Schelling. Objetivos: Defenderemos a hipótese de que o paralelismo entre a criação artística e a produtividade absoluta da natureza é o fio condutor mais consistente da estética schellingiana, apontando os

limites da relação entre arte e filosofia como outro candidato a fio condutor. Para tal, buscaremos expor a noção de natureza produtora em Schelling à luz de sua filosofia e, em seguida, esclareceremos o vínculo entre criação artística e natureza, apontando para como o mesmo reflete na divisão schellinguiana das artes plásticas. Por último, elucidaremos a crítica schellinguiana à imitação da natureza como princípio das artes plásticas. Metodologia: A pesquisa é exegética (comentário de textos que circunscrevem um tema na obra de um autor) e diacrônica, ou seja, o foco será no desenvolvimento do paralelismo entre a criação das artes plásticas e a produtividade da natureza durante o decênio de 1797-1807, que apresenta a maior parte dos textos de Schelling sobre estética e filosofia da natureza. Conclusões: O paralelismo entre a criação artística e a produtividade absoluta da natureza se mostra o fio condutor mais consistente da estética schellinguiana. Levando em conta a física especulativa schellinguiana, o princípio da imitação da natureza só manteria seu valor se o artista aprendesse a emular a natureza como força criadora, e não meramente copiando seus produtos.

**Palavras-chave:** Schelling, Criação Artística, Natureza.

## **O papel do gesto expressivo para a compreensão do Mundo da Cultura na filosofia de Merleau-Ponty**

***Gabriel Andrade Coelho Moreira***

(UFOP)

### **Resumo:**

As reflexões sobre o fenômeno da expressão desenvolvidas por Merleau-Ponty a partir das artes e da linguagem são imprescindíveis para que possamos compreender tanto as relações entre natureza e mundo cultural, quanto as capacidades humanas de criação e recriação das significações em seus horizontes históricos. Pois, para o filósofo, as vivências perceptivas, base de nossa experiência corporal, não devem ser entendidas apenas a partir do conjunto das coisas naturais, mas também a partir da alteridade e das artes. Não obstante, as descrições dos gestos expressivos, sobretudo os artísticos, possibilitam uma melhor compreensão do movimento constitutivo do Mundo Cultural. Para entendermos melhor essa tese procederemos da seguinte maneira: em primeiro lugar apresentaremos brevemente as reflexões de Merleau-Ponty a respeito das relações entre o mundo percebido e o mundo cultural; para que, em seguida, possamos analisar o papel dos gestos expressivos na criação e recriação do mundo cultural a partir de suas descrições

fenomenológicas das artes desenvolvidas em seus ensaios sobre a linguagem e a pintura.

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty, Percepção, Cultura.

## **A semiformação (*Halbbildung*) em Adorno**

***Glauber Ataíde***

(UFMG)

### **Resumo:**

Nesta comunicação pretendemos abordar o conceito de semiformação (*Halbbildung*) desenvolvido por Theodor Adorno em seu artigo Teoria da semicultura. A possibilidade da emergência da semiformação está colocada, segundo Adorno, pela própria estrutura da cultura (*Bildung*), cujo conceito se refere, em sentido estrito, a uma dialética entre dois momentos: o do espírito (*Geist*) e o da adaptação (*Aufpassung*). A autonomia espiritual em relação a coerções naturais e sociais e ao mesmo tempo a ligação dos homens às estruturas de suas condições de vida carregam em si o perigo de que estes momentos se destaquem um do outro, de modo que a cultura se torne unilateral e resulte na semiformação. A história da sociedade burguesa mostraria, segundo Adorno, o desdobramento deste processo. Considerada em seu aspecto subjetivo, a semiformação apresenta uma estrutura narcísica. A identificação fracassada com o espírito objetivo se constitui como uma ferida narcísica para o indivíduo que, por não ser e nem fazer o que, segundo seu próprio conceito – introjetado, construído socialmente – deveria ser e fazer, se sente inadequado e culpado diante de tais exigências. A semicultura, então, fornece uma compensação de tal culpa e impotência através da participação imaginária na cultura, resultando em um ganho narcísico para o indivíduo. Através de signos, imagens e simulacros, os indivíduos se sentem integrantes “de um ser mais elevado e amplo, a que acrescentam os atributos de tudo o que lhes falta e de que recebem de volta, sigilosamente, algo que simula uma participação naquelas qualidades.”

**Palavras-chave:** Adorno, Semiformação, Imagens.

## **Levinas e a crítica ao sagrado**

***Gregory Rial***

(Mestrando em Filosofia, FAJE. Bolsista CAPES)

**Resumo:**

Em tempos de ressurgimento do fenômeno religioso, o pensamento de Emmanuel Levinas lança luzes que permitem pensar a religião filosoficamente sob outro ponto de vista. O caráter ético de seu pensamento e as raízes judaicas sempre latentes nos seus escritos, o possibilitam fazer uma crítica ao que ele denomina "sagrado" – categoria dominante no discurso das religiões. Tal crítica, entretanto, é um desdobramento de seu "combate" à Ontologia porque o "sagrado" é também compreendido no horizonte do Ser. Logo, ele é englobado na totalidade que ameaça a alteridade e que, por isso mesmo, é violento. A violência do sagrado se opõe à intriga entre Religião e Ética – intriga essa que se coloca como única via possível para se sair da violência própria à Ontologia. Desse modo, a presente investigação tem por objetivo deter-se na crítica levinasiana à categoria de Sagrado e procurar elucidar como irrompe a Ética no domínio da Religião a fim de se descobrir, para além da sacralidade de Outrem, a sua santidade. Através da leitura de textos levinasianos de cunho filosófico e religioso como *De Deus que vem a ideia e Difícil Liberdade*, pretende-se chegar à conclusão de que o rosto de Outrem, ao convocar o eu para a responsabilidade, acaba por revelar, no rastro do Infinito, o nome ético de Deus.

**Palavras chave:** Ética, Religião, Infinito, Sagrado, Santo.

## **Perspectivas éticas no projeto crítico de Marx**

***Hilton Wzorek***

(FAJE/ FAPEMIG)

**Resumo:**

O propósito da comunicação, resultante de uma pesquisa desenvolvida no primeiro semestre de 2015 na disciplina de Ética moderna, é adentrar no projeto crítico marxiano, sobretudo nos problemas que referem-se a relação entre trabalho e religião, em vista de vislumbrar uma Ética filosófica subjacente ao mesmo. Para isto, as fontes teóricas principais serão os artigos (*Sobre as fontes filosóficas do pensamento de Karl Marx, Marxismo e filosofia, Ateísmo e mito*) e obras (*Antropologia filosófica I e II, Introdução à ética filosófica I, Formação do pensamento de Hegel*) de Henrique Cláudio de Lima Vaz, ao qual são somados os estudos de Adolfo Vázquez, Édil Guedes, Roman Rosdilsky e escritos diversos de Feuerbach, Adam Smith e de Karl Marx (*Capital, Ideologia alemã, Sobre a questão*

judaica). Sendo três os momentos em que a problemática será desenvolvida, a saber: (I) Ética e religião; (II) Da crítica feuerbachiana à crítica marxiana; (III) Superação da realidade e da abstratividade alienada: Um espaço para a Ética marxiana. A questão central que perpassa e unifica todo o desenvolvimento da comunicação tange a possibilidade de pensar, sem desconsiderar as duras posições que Marx adota em relação ao objeto da pesquisa, uma ética filosófica no pensamento crítico marxiano e como justificar uma resposta afirmativa.

**Palavras-chave:** Karl Marx, Ética, Trabalho.

## **A crítica de Schopenhauer a aceção de metafísica em Kant e nos filósofos dogmáticos**

***Igor Guimarães Martins***

(Graduando em Filosofia UFMG)

### **Resumo:**

Em *O Mundo como Vontade e como Representação* Schopenhauer desenvolve uma metafísica inspirada na filosofia de Kant e no que foi a seu ver a vitória do criticismo sobre o dogmatismo. A convicção de Schopenhauer é a de que apenas a filosofia da Vontade é o desenrolar necessário do “mais íntimo espírito da filosofia kantiana”, esta que pôs por terra a ontologia tradicional juntamente com suas “aeternae veritatis” e, com isso, abriu espaço para o surgimento de uma nova concepção sobre a “essência mais íntima de toda a natureza”. Dito isso, creio que a expectativa do filósofo na metafísica da Vontade seja mais bem compreendida se concordarmos, de modo preliminar, com a saída argumentativa que ele estabelece para o problema kantiano da limitação do conhecimento ou da impossibilidade da metafísica. Desse modo, irei proceder, primeiramente, com a apresentação sumária do que seriam aos olhos de Schopenhauer os ensinamentos de Kant concebidos como prelúdio do seu próprio pensamento. Em seguida, irei reproduzir a objeção (presente no Apêndice de *O Mundo*) que ele dirige a aceção de metafísica pressuposta pelos filósofos dogmáticos e que, não obstante, também fora pressuposta por Kant na idealização da Crítica da Razão Pura. Feito isso, espero que possamos entrever, ainda que parcialmente, o caminho intermediário no qual avança a metafísica de Schopenhauer em relação à “doutrina da onisciência dos dogmáticos e o desespero da crítica kantiana”.

**Palavras-chave:** Schopenhauer, Vontade, Natureza.

## **Sabedoria da Carne: Corporeidade e ética em Michel Henry**

***João Elton de Jesus***

(Graduando em Filosofia, FAJE)

### **Resumo:**

Michel Henry (1922-2002) opõe-se às ciências galileanas que tratam o corpo e a sexualidade de maneira científicizada, matematizada e refém das representações redutivas do ser humano em detrimento dos sentidos. Buscaremos, por meio de uma revisão bibliográfica do autor, mostrar que a sexualidade não entra nos discursos jurídicos, pois está relacionada com o corpo e esse com a vida. É um páthos, um sentir, não pode ser geometrizada. Apoiados na tese de Henry que mostra como a carnalidade reaparece graças à uma fenomenologia onde o corpo se fenomenaliza como sensibilidade: sentir e movimento, a pesquisa propõe pensar nas questões de gênero que não caíam na ingenuidade de opor natureza e cultura quando a sexualidade é da ordem do corpo de carne e a carne não nega jamais sua materialidade incontornável tomada do ponto de vista fenomenológico. Por fim, abordar-se-á a questão ética, que assume novo estatuto no horizonte do corpo subjetivo de tal sorte que a ética do corpo e a ética da sexualidade sejam pensadas a partir da imanência absoluta da vida em que corpo e alma constituem uma unidade inseparável na fenomenalidade do corpo próprio e portanto, da sexualidade.

**Palavras-chave:** Fenomenologia, Sexualidade, Gênero, Corporeidade, Ética.

## **A natureza e as implicações morais do agir econômico em Adam Smith**

***João Paulo Oliveira Alves***

(Graduação em Filosofia, FAJE)

### **Resumo:**

O trabalho, vinculado ao programa de Iniciação Científica, trata da vinculação entre Ética e Economia, mais especificamente sobre como essa articulação acontece na obra do filósofo escocês Adam Smith. Sendo assim, deseja-se mostrar, ao contrário de como alguns

intérpretes afirmam, como o autor trazia bastante interligadas essas duas dimensões da ação humana: a ética e a econômica. Este seria o primeiro momento do projeto de pesquisa, que seria o assunto tratado na comunicação. Para tornar claro este posicionamento, serão apresentadas interpretações de uma obra econômica de Adam Smith, *A Riqueza das Nações* (1776), e de estudiosos deste autor. Este esforço decorre da recente e aguda desvinculação do agir econômico do agir ético, que considera suficiente à formação da sociedade um comportamento econômico egoísta que, de alguma forma, levaria à otimização do bem comum. Levando em conta tanto essa recente e aguda separação como os efeitos da economia atual, que obedece a um olhar puramente técnico da sociedade, o estudo da relação entre Ética e Economia surge como importante área de investigação. Nossa pesquisa situa-se neste corpo de investigação, já que muitos economistas liberais usam como auxílio às suas teorias a obra de Adam Smith. E é no sentido de esclarecer a relação entre Ética e Economia da obra de Adam Smith que este trabalho se apresenta.

**Palavras-chave:** Smith, Riqueza das Nações, Economia, Ética.

## **Acerca do estatuto epistêmico e ontológico dos juízos morais**

***Jordan de Souza Medeiros***

(Mestrando em Filosofia, FAJE)

### **Resumo:**

Juízos morais podem ser tratados como verdadeiros ou falsos assim como os juízos declarativos? Esta é uma das questões candentes das teorias morais contemporâneas e, principalmente, da metaética. Se a sua resposta à esta questão for afirmativa, então você é um cognitivista, ou seja, os juízos morais possuem um conteúdo cognitivo que pode ser demonstrado como verdadeiro ou falso; caso contrário, se a sua resposta for negativa, muito provavelmente, você é um emotivista, isto é, você acredita que os juízos morais não passam de expressões emocionais, do mesmo modo como a frase "eu gosto de banana", neste sentido, não é possível utilizar um critério de verdade objetivo. Nesta comunicação, pretendo defender um tipo específico de cognitivismo moral não-realista. Para tanto, apresentarei brevemente a discussão em metaética acerca do estatuto epistêmico e ontológico dos juízos morais e, em seguida, uma noção de juízo moral como sendo proposições emergentes de juízos declarativos e, por fim, mostrarei a relevância desse tipo de cognitivismo moral no campo da Ética Aplicada.

**Palavras-chave:** Juízo moral, Ética, Epistemologia, Ontologia.

## **Uma defesa do cognitivismo ético não naturalista**

***José Carlos Carvalho de Sant'Anna***

(Licenciado em Filosofia pela FAJE)

### **Resumo:**

Durante a nossa vida somos indagados por várias questões morais, sobre o que é certo e o que é errado fazer. No entanto, para cada questão ética que nos é colocada, surgem várias respostas que variam de acordo com o modelo ético pressuposto. Sobre o estatuto moral de matar, por exemplo, há várias respostas contra e a favor, ou seja, a resposta sobre quando matar é um ato moral não é uma resposta unívoca, antes possui uma pluralidade de argumentos contra e a favor. A partir da verificação da disputa argumentativa que repousa sobre as questões morais, coloca-se para o filósofo a seguinte questão: o profundo desacordo nas questões morais é um indício para se duvidar do status cognitivo das sentenças éticas? Diante disso, será realizada uma defesa de um cognitivismo ético não naturalista, isto é, que o conhecimento também abrange o âmbito da moralidade e não apenas o âmbito empírico, e que as sentenças morais não devem ser reduzidas às sentenças não morais. Para isso, será apresentada uma crítica à concepção ética não cognitivista e ao cognitivismo naturalista.

**Palavras-chave:** Ética, Cognitivismo, Naturalismo.

## **A heurística do temor na ética do futuro segundo Hans Jonas**

***José Carlos Moreira***

(FAJE)

### **Resumo:**

A partir da filosofia da tecnologia de Hans Jonas, pretendemos mostrar como o agir tecnológico moderno marcado pelos aspectos: do automatismo, a irreversibilidade, o caráter cumulativo, o caráter de "vocação" da humanidade ou elemento quase-compulsivo –, e, conseqüentemente, a ambivalência e grandeza, nos leva então concluir que a tecnologia det m o poder de ruína sobre a biosfera

inteira. Isso posto, mostraremos que o poder tecnológico moderno representa, tanto em relação à natureza quanto em relação a humanidade futura – um potencial apocalíptico, portanto ameaçador. Tal potencial com o seu prognóstico de risco impõe a urgência daquilo que define como heurística do temor que por sua vez, exige a formulação de um novo princípio ético capaz de orientar o agir humano na civilização tecnológica moderna.

**Palavras-chave:** Hans Jonas, Vocação, Princípio Ético.

## **A ética em Santo Agostinho na relação do *Usus-Fruitio*: um caminho entre a idolatria e a instrumentalização das relações humanas**

***José Roberto de Mello Filho***

(Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano)

### **Resumo:**

O trabalho versará sobre o pensamento ético de Santo Agostinho, mais especificamente sobre a diferenciação conceitual que ele faz (*usus-fruitio*) da relação humana com as coisas (*res*). Assim, o objetivo do trabalho consiste em sublinhar que, quando se trata do relacionamento interpessoal, Agostinho flexibiliza a dicotomia entre o *uti-frui* ao entender que as relações humanas têm o seu valor na medida em que o indivíduo não participa sozinho da fruição de seu criador, pois o gozo pleno consiste em fruir Deus e fruir uns aos outros Nele. Para tanto, será utilizado o método científico de revisão bibliográfica, utilizando-se de livros e artigos, a fim de se buscar respaldo argumentativo para afirmar que a proposta ética agostiniana se encontra balizada numa visão equilibrada do valor intrínseco do ser humano. Por fim, concluir-se-á que a distinção *uti-frui* previne dois extremos danosos para a *ordo amoris*. Por um lado, o fato de que se deve fruir de forma absoluta apenas a Deus, evita a formação de relações idólatras entre seres humanos, pois a realização do indivíduo não se dá em vínculos finitos e ontologicamente desordenados. Por outro lado, pelo fato de que o ser humano possui valor intrínseco, criado a imagem de Deus, este jamais poderá ser instrumentalizado. Além disso, sem o outro, a fruição de Deus não é completa, já que o amor e o gozo pleno acontecem no convívio ordenado entre os seres humanos que se encontram diante de Deus.

**Palavras-chave:** Agostinho, Ética, *Usus-Fruitio*, Idolatria, Instrumentalização.

# O "imperativo elpidológico" da ética kantiana

*Julian Batista Guimarães*

(Mestrando em Filosofia pela FAJE. Bolsista Capes)

## **Resumo:**

Esta comunicação pretende mostrar que a visão kantiana do ser humano enquanto ser racional finito inclui, além da liberdade, a esperança como elemento necessário da moralidade. Afirmamos, portanto, que a ética de Kant não é meramente uma ética do dever à medida que ela não se reduz ao imperativo categórico, mas necessita incluir também a felicidade como componente da realização humana. Por isso, pode-se dizer que a ética kantiana possui duas "partes" ou estágios: a primeira procura estabelecer a fundamentação da moralidade *stricto sensu*, e, através da ideia de liberdade, chega ao imperativo categórico como seu princípio formal supremo, válido independentemente da matéria da vontade; a segunda "parte" considera os elementos que, embora não sejam fundamentos, são também constituintes necessários da realização da ação moral *lato sensu*, como o objeto, os fins e as consequências do agir moral. Contudo, como a união entre as duas partes da moral, entre a sua fundamentação e a sua realização, não é algo dado, mas só pode ser esperada, e na medida em que tal efetivação está além de nossas forças, a passagem da pergunta pelo "que devo fazer" à pergunta pelo "que posso esperar", é pensada por Kant com a doutrina do Sumo bem e dos postulados da razão prática. Ao imperativo categórico, portanto, deve-se acrescentar um "imperativo elpidológico", que dá sentido ao nosso esforço para cumprir o dever ao apresentar a possibilidade da realização total de nossa existência moral.

**Palavras-chave:** Kant, liberdade, esperança.

# A inteligência espiritual em H. C. de Lima Vaz

*Laureandro Lima da Silva*

(Mestrando em Filosofia, FAJE)

## **Resumo:**

O objetivo deste trabalho é examinar e fundamentar o conceito de inteligência espiritual elaborado na obra *Antropologia filosófica* de H. C. de Lima Vaz. Esse tema aparece como um elemento de grande importância nas elaborações filosóficas do autor. Possui um lugar

significativo em sua metafísica e em sua mística. Inicialmente, fazemos algumas exposições introdutórias sobre alguns dos aspectos Antropologia filosófica vaziana. Em seguida, discutimos sobre a definição e a caracterização dessa forma de inteligência superior, a importância desse conceito no seu pensamento filosófico e as três formas históricas da inteligência espiritual ao longo da tradição ocidental: plotiniana, agostiniana e tomista. Versamos sobre a crise da inteligência espiritual na era moderna à contemporânea. Colocamos o problema da recentração dessa forma de conhecimento no sujeito e a dissolução da inteligência espiritual. Finalmente, desenvolvemos uma discussão sobre as possibilidades de recuperação da dimensão metafísica da inteligência. Enfatizamos que o pensamento de Lima Vaz representa uma tentativa de um diálogo com o mundo hodierno. Neste trabalho buscamos, então, esclarecer que a inteligência espiritual é um tópico de primeira grandeza na filosofia do autor e apresenta igualmente um problema constitutivo do saber filosófico. Essa forma de conhecimento lança o homem em direção a uma meta suprema: a infinitude do ser.

**Palavras-chave:** H. C. de Lima Vaz, Antropologia Filosófica, Ser, Inteligência espiritual, Metafísica.

## **Teria Rawls desrespeitado as pessoas? Uma discussão sobre justiça social e dignidade humana**

***Luiza Midory de Alcântara Santos***

(PUC Minas)

Vitor Amaral Medrado (Orientador)

### **Resumo:**

Apesar da acusação de Nozick de que a teoria da justiça como equidade de Rawls desrespeita os direitos individuais e, portanto, não é uma boa leitura da ética de Kant, defendemos que a melhor recepção de Kant no debate contemporâneo sobre a justiça é aquela em que a justiça social e os direitos individuais podem ser compatibilizados. Nozick fez uma interpretação muito exigente da fórmula da humanidade do imperativo categórico kantiano e, por isso, equivocou-se ao dizer que qualquer justiça distributiva resulta necessariamente em um atentado contra a dignidade da pessoa humana. Argumentamos que a ética kantiana não exige que as pessoas sejam tratadas sempre e exclusivamente como fim, mas, ao contrário, que é possível que as pessoas sejam tratadas como fim e meio ao mesmo tempo, sem que isso implique em uma violação da sua dignidade. Portanto, apesar de não ter refletido sistematicamente

sobre a justiça social, Kant não formulou uma ética absolutamente incompatível com os anseios do liberalismo igualitário.

**Palavras-chave:** Justiça Social, Dignidade Humana, John Rawls, Robert Nozick, Immanuel Kant.

## **A ética no pensamento político de Hannah Arendt**

***Marcos Vinicius da Silva***

(Mestrando em Filosofia, FAJE. Bolsista CAPES).

### **Resumo:**

A presente comunicação tem como objetivo demonstrar o caminho teórico que nos leva a uma possível compreensão de uma ética política no pensamento de Hannah Arendt. Após acompanhar o julgamento do carrasco nazista Adolf Eichmann em Jerusalém, Arendt se depara com um problema: ela vê em sua frente um homem comum, sem ideologia que fundamente os atos praticados por ele no período nazista e acima de tudo, um homem incapaz de pensar e de se colocar no lugar do outro. Arendt, que havia se afastado da vida contemplativa para dedicar seus estudos a vida ativa, faz um retorno a filosofia e as atividades do espírito que tinha deixado para trás desde o seu doutoramento em Santo Agostinho. Mas desta vez, a motivação de Hannah Arendt ao investigar a vida contemplativa é buscar elaborar uma ontologia política fundada nas atividades do pensar, do querer e do julgar que a nosso ver, fundamentam também a sua ética. Ética essa que ela jamais escreveu ou esboçou, mas que através de seus textos é possível retirar de forma clara, os fundamentos de uma ética da responsabilidade. Para tal empreitada, foi-se utilizado como texto base o seu livro *A vida do Espírito* onde ela compila todo o seu pensamento acerca das atividades do espírito. Mesmo sendo uma obra póstuma e inacabada, sua contribuição para tal estudo é indispensável.

**Palavras chave:** Pensar, Querer, Julgar, Ética da Responsabilidade.

## **Peter Szondi e a Filosofia do Trágico**

***Paulo Cesar Jakimiu Sabino***

(Universidade Federal de Ouro Preto)

**Resumo:**

O presente trabalho tem por intuito apresentar as principais considerações sobre a Filosofia do Trágico. Tal tarefa será realizada a partir da leitura da obra *Ensaio sobre o trágico*, de Peter Szondi, que no século XX vai distinguir uma poética da tragédia – que leva em conta os elementos da peça propriamente, sua estrutura, entre outros fatores, e, além disso, acaba por ser normativa – e uma filosofia do trágico – na visão de Szondi, seria o trágico como visão de mundo – que inicia com Schelling. O que procura-se expor é a importância de alguns elementos para a filosofia do trágico e, conseqüentemente, a intenção do autor em utilizar os mesmos para realizar sua própria análise das tragédias. Sobre os elementos que Szondi aborda em sua obra, dois são fundamentais: a dialética do trágico e o uso das tragédias. Este último pode parecer óbvio a primeira vista, mas a intenção para a conclusão é demonstrar que a interpretação se restringe, no autor, em uma filosofia do trágico e não em uma filosofia trágica – que não precisa, necessariamente, do uso da tragédia.

**Palavras-chave:** Peter Szondi, Trágico, Schelling.

**A (in)tolerância e a proposta de emenda à Constituição  
Brasileira 99: uma abordagem crítica sobre a neutralidade do  
estado a partir de Michael Sandel**

***Paulo Henrique Oliveira Nascimento***

(PUC Minas)

Vitor Amaral Medrado (Orientador)

**Resumo:**

Desde que foi apresentada, a Proposta de Emenda à Constituição 99\2011 (PEC 99) gerou grande repercussão na mídia tradicional e, sobretudo, nas mídias livres – como a internet. A opinião aparentemente uníssona é contrária à PEC. Ela atacaria a ideia de Estado Laico, tal como assegurado pela Constituição Federal. Entretanto, defendemos, como o filósofo político Michael Sandel, que a neutralidade liberal não resulta, como esperado, em um respeito mútuo pelas convicções morais e religiosas particulares, mas em um empobrecimento da política, isso a faz confundir-se com a mera técnica gerencial. É que o debate público e aberto de valores morais e religiosos é essencial à política e também uma base mais sólida para uma sociedade mais justa. Valendo-se da filosofia de Sandel e em oposição ao discurso comum da neutralidade liberal, pretendemos

expor os argumentos filosófico-políticos pelos quais é possível defender a pertinência da PEC 99\11 para a política no Brasil.

**Palavras-chave:** Michael Sandel, Comunitarismo, Estado Democrático de Direito, Filosofia do Direito, Rawls, Proposta de Emenda à Constituição Nº 99.

## **Realismo no *Tractatus* e algumas objeções**

***Paulo H.S. Costa***

(Mestrando em Lógica e Fil. da Ciência, UFMG)

### **Resumo:**

As interpretações realistas acerca do *Tractatus* consistem, em geral, na defesa de que haveria uma anterioridade e independência dos objetos simples em relação à linguagem, de modo que a forma ou tipo lógico destes objetos determinaria as possibilidades combinatórias dos nomes simples. Dito de outro modo, as possibilidades combinatórias destes objetos seriam impostas à linguagem e à sintaxe lógica. O argumento realista, para sustentar esta tese, segue três passos: (1) defesa da substituição, na proposição, de objetos por nomes; (2) defesa da anterioridade destes objetos em relação a sua substituição na proposição e, por fim; (3) defesa de uma forma fixa, ou padrão de combinação, já constituído, segundo o tipo lógico de cada objeto. Nosso objetivo, nesta comunicação, é demonstrar que a passagem do argumento realista, de “objetos substituem, na proposição, nomes” para “objetos determinam as possibilidades combinatórias dos nomes”, tem alguns problemas, dentre eles, a nomeação e a determinação da sintaxe lógica.

**Palavras-chave:** Realismo, Objeto, Nome, Anterioridade, *Tractatus*.

## **Filosofia do Ser: A tarefa inacabada do pensar**

***Rafael Navarro***

(PUC Minas)

### **Resumo:**

Heidegger compreende que desde que Platão identificou a realidade com a imutabilidade das ideias a filosofia se esqueceu do Ser. Assim, a metafísica ocidental configura-se como onto-teo-logia. Ela trata

apenas do que pode ser determinado em sua identidade com as ideias e esquece, portanto, da diferença entre Ser e ente. A metafísica trataria do ente em geral (ontologia) e para sustentar suas argumentações teria de buscar um ente supremo e primeiro (teologia). Porém, se a metafísica tem por objeto de estudo os princípios primeiros, a busca de uma verdade mais originária que observe a diferença ontológica não seria uma metafísica a pleno direito? É comum a todos os significados de princípios ser o primeiro termo a partir do qual algo é ou é gerado ou é conhecido. Ora, o Ser heideggeriano dá-se como aquilo que é primeiro captado pelo intelecto como o mais manifesto e que permite às coisas manifestarem-se como fenômenos. Fica difícil, então, refutar a interpretação de que um filósofo que dedicou sua vida a estudar o Ser, como Heidegger o fez, seja um metafísico em mais alto grau. Defendo que o pensamento de Heidegger e o de Desmond se aproximam, e o Ser é compreendido como Supra-Determinado. Esta aproximação possibilita ao pensamento heideggeriano resgatar a tradição filosófica ao invés de refutá-la. Partir do valor intrínseco ao Ser permite a realização de tal resgate, possibilitando uma proposta que respeite a alteridade, valorando o Ser para além de sua instrumentalização.

**Palavras Chave:** Heidegger, Desmond, Metafísica, Ontologia, Metaxologia.

## **O saber de objeto e o saber imanente na fenomenologia do Corpo**

***Renato Carvalho de Oliveira***

(FAJE)

### **Resumo:**

Apresentaremos a distinção entre o saber de objeto e o saber imanente na fenomenologia do Corpo. O objetivo central é apresentar essa diferença como uma das exigências para se pensar o tema da subjetividade na filosofia contemporânea do Corpo. Caracterizaremos o conhecimento de objeto e o conhecimento imanente, a partir da apropriação de Michel Henry do pensamento de Maine de Biran. Estabeleceremos a identidade conceitual entre o saber imanente e a subjetividade. E mostraremos a necessidade de recorrer a uma teoria ontológica da subjetividade para se pensar o corpo como subjetividade. Concluiremos que fora do corpo não há subjetividade, não há Homem. Primeiro, porque sem uma teoria ontológica da subjetividade, a corporeidade não é possível para a filosofia do corpo.

Segundo, porque, ao superar o dualismo entre alma e corpo, a teoria ontológica da subjetividade possibilita pensar o ser humano, não como tendo um corpo, mas como um corpo que habita o mundo.

**Palavras-chave:** Michel Henry, Corpo, Identidade.

## **As vias do *élenkhos*: a persuasão coletiva da prática investigativa socrática.**

**Rineu Quinalia Filho**

(Doutorando UFSCar, SP, CAPES)

### **Resumo:**

Os argumentos propostos por Platão em seus diálogos implicam razões metodológicas filosóficas e literárias e no que tange os Primeiros Diálogos, sobretudo, razões que destacam a política e a pedagogia como dois pilares que envolvem, em nossa leitura, uma estratégia de poder. Alguns diálogos propõem uma série de caminhos para que seja possível tornar prático o discurso filosófico através de um exercício dialógico e pedagógico que promovem o que interpretamos serem as duas principais virtudes do programa filosófico platônico; a coragem (*ἀνδρεία*) e a moderação (*σωφροσύνη*). Nossa pesquisa pretende analisar a relação entre a cena pública e o pensamento socrático-platônico. A prática socrática de indagar, o escrutínio (*ἔλεγχος*), é uma ação discursiva com a finalidade de escortinar o outro, isto é, descobri-lo, desvelá-lo. O escortinamento é um neologismo e se traduz como sendo o resultado da prática investigativa desenvolvida por Sócrates que Platão nos mostra em seus diálogos. Teríamos a partir do escortinamento um efeito onde o véu do falso saber é retirado de cima do principal interlocutor de Sócrates diante do público. Essa dinâmica (i) revela a ignorância do outro (interlocutor), para os outros (público), e (ii) promove uma mensagem pedagógica. Sugerimos que o efeito do escrutínio seja "oblíquo", isto é, não seja mais reto – individual, mas circular – coletivo evidenciar-se-ia com isso uma persuasão coletiva. Estudamos o *Laques* e o *Cármides* e investigamos nesses dois diálogos o início do desenvolvimento do pensamento político de Platão e como funcionaria sua aplicação do escrutínio socrático como um modo defender seu próprio projeto político-pedagógico.

**Palavras-chave:** Platão, Política, *Élenkhos*, Socratismo.

## **O problema do mal na Suma de Teologia de Tomás de Aquino (Prima pars, questões 48 e 49)**

**Rodrigo Aparecido de Godoi** (UNIFESP)

### **Resumo:**

A experiência do mal se encontra irremediavelmente ligada à existência do homem e também se impõe como um elemento constitutivo da questão de Deus, visto que o problema do mal consiste em conceber a "existência" de substâncias imperfeitas, limitadas e deficientes, porém oriundas de um criador onipotente, sumamente perfeito, sábio e bom. Diante disso, o presente trabalho pretende colocar em relevo a compreensão de Tomás de Aquino sobre a "presença" do mal na criação, a partir das questões 48 e 49 da Prima pars da Summa Theologiae, que tratam, respectivamente, da natureza do mal e de sua causa. Pretende-se, com isso, ainda que em linhas gerais, ressaltar que, na abordagem tomásica, o mal não possui realidade metafísica, ou seja, não é nem uma substância e nem um princípio constitutivo da realidade, pelo contrário, o mal é a privação de um bem devido (*privatio boni debiti*) em uma substância. Nesse sentido, pode-se afirmar que, ao se ocupar com a temática, o Aquinate norteou-se pela precedência ontológica do bem, ao conceber que somente esse possui substância, enquanto o mal consiste em uma espécie de não-ser no ser; portanto, em sua análise, Tomás de Aquino defende a impossibilidade de o mal ser uma substância ou certa natureza.

**Palavras-chave:** Tomás de Aquino, Mal, Privação, Substância.

## **O Conceito de "duração" no pensamento de Henri Bergson**

**Sérgio Domingos Moreira**

(UFF)

### **Resumo:**

A pesquisa visa esclarecer o conceito de "duração" no pensamento do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941) e relacionar os papéis que os conceitos de "multiplicidade" e de "diferença" possuem para a duração da vida consciente na obra *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, de 1889, fruto de sua tese de doutoramento. Objetivo geral: Elucidar o conceito de "duração" presente no pensamento filosófico de Henri Bergson, tomando como referência as obras *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. *Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Objetivos específicos: Mostrar como os sentidos

quantitativo e qualitativo dos conceitos de "multiplicidade" e de "diferença" são utilizados como estratégias para apresentação da ideia de "duração". Metodologia: A metodologia de pesquisa se apoiará em fontes bibliográficas, tomando por base o próprio Ensaio e comentadores de Henri Bergson. Conclusões: Bergson, com o Ensaio sobre os dados imediatos da consciência, se posicionou como um crítico do discurso da psicologia experimental da sua época. Contra esse discurso, dominado pelo cientificismo e positivismo, é que Bergson pretendeu formular uma resposta ao elaborar sua obra filosófica do século XIX, fruto de sua tese de doutorado e que é a grande norteadora desta pesquisa. Bergson demonstrará que o equívoco da psicologia científica do seu tempo foi tentar reduzir estados interiores à consciência a fatos passíveis de quantificação, mensuração e análise.

**Palavras-chave:** Bergson, Duração, Tempo.

## **Sobre a Natureza dos Juízos Morais: Um Ataque ao Relativismo**

***Thiago de Camargo***

(Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia)

### **Resumo:**

Todos nós em algum momento afirmamos coisas do tipo "A verdade é relativa" ou "Cada cultura possui seus próprios códigos de conduta, portanto, sua própria moralidade", ou, ainda, "Devemos respeitar cada cultura em sua singularidade, uma vez que tanto nossos padrões morais como nosso conhecimento do mundo dependem em última análise das condições sócio-culturais de um povo" O relativismo moral é um conjunto de posições (ou teorias) implicadas pelo chamado relativismo cultural segundo a qual princípios morais diferem entre culturas, história, psicologia, etc., não havendo, assim, princípios morais objetivos. Ora, uma tal posição, muito intuitiva, impossibilita a objetividade dos juízos morais, constituindo-se num sério problema para a metaética. Nesta Comunicação pretendo mostrar porque essa posição é além de arbitrária, insustentável. Para isso, serão apresentados dois argumentos que mostram i) a auto-refutação da tese do relativismo e ii) implicações nefastas que podem ser defendidas pelo argumento relativista.

**Palavras-chave:** Juízos Morais, Relativismo, Metafísica.

# **Sartre e a moral suspensa: A ação e responsabilidade como sustentáculos da moral existencialista de Jean-Paul Sartre**

**Thiago Teixeira**

(FAJE)

## **Resumo:**

A ética é, sem dúvida, uma das maiores inquietações filosóficas desde o período grego da filosofia clássica. Nós, no entanto, vislumbramos esse horizonte sob a ótica do existencialismo humanista de Jean-Paul Sartre. É sabido que Sartre não se apresenta como um filósofo moral. Todavia, não há como escapar da atmosfera ética que permeia todo o percurso de sua investida filosófica. Esse teor moral, para nós, é posto em relevo através de dois conceitos fundamentais: ação e responsabilidade. Utilizaremos como eixo norteador de nossa investigação as obras: *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenologia* e *O existencialismo é um humanismo*. Identificamos que esses textos apresentam uma discussão crucial acerca da realidade humana e seu estado de derrelição que, a rigor, lança o homem numa construção radical de sua própria existência e, mais, o torna ampla e largamente responsável pelo modo com que afeta a outrem. Percebemos, assim, uma relação intrínseca entre ação e responsabilidade em Sartre e essa aproximação indica uma moral existencialista.

**Palavras-chave:** Sartre, Moral, Fenomenologia.

## **Bioética: ensaios acerca da prática da cirurgia genética**

**Vander Matias**

(Mestrando FAJE)

## **Resumo:**

Na obra "Técnica, Medicina e Ética: Sobre a prática do Princípio Responsabilidade", publicada no ano de 1985, o filósofo e teólogo alemão Hans Jonas trata de cinco estágios em que a técnica moderna se apresenta - historicamente - elevando o poder do homem sobre si mesmo e sobre a natureza, a saber, o estágio mecânico, o químico, o da tecnologia elétrica, da eletrônica e, finalmente, o biológico que, na sua concepção, é o último e o mais perigoso de todos os estágios. A presente periculosidade tanto para o homem atual quanto para os

pósteros dar-se-á pelo fato de possuir como guias apenas parâmetros técnicos e econômicos. Dentre os casos particulares tratados por Jonas, no que tange a manipulação e intervenção na matéria viva, esta investigação girará em torno do método futurístico II que trata da cirurgia genética- híbridos, visto que esta "representa a forma mais forte de manipulação e ambição científica", uma vez que a intervenção no DNA abre caminho para a existência de "novos tipos de seres vivos, 'aberrações' intencionalmente criadas e linhagens inteiras a partir delas". Deste modo, o que inquieta o pensador é saber que em nome do progresso esta intervenção nos seres humanos poderá causar danos inimagináveis. Portanto, Jonas enfatiza que a ação científica deve ter um limite para que não destrua a integridade psicofísica do homem e, tampouco, comprometa as futuras gerações, pois todo trabalho deve estar a serviço da vida. Por isso, sugere, que princípios fundamentais como a "precaução", a "responsabilidade", a "prudência", a "sabedoria" e a "modéstia" devem estar inseridas no cotidiano científico.

**Palavras-chave:** Bioética, Cirurgia genética, Hans Jonas, Responsabilidade, Ser humano.

## **Os fundamentos éticos do antagonismo de classe na práxis filosófica de Marx**

***Victor Bacelete Miranda***

(Mestrando em Filosofia, FAJE)

### **Resumo:**

Antes de ser um estudo econômico, o pensamento de Karl Marx (1818-1883) é um estudo filosófico, o qual possibilita a existência de sua doutrina histórica (conhecimento), socioeconômica (economia) e ideológica (revolução). Arelado ao fluxo factual da modernidade, não como simples expectador, mas participante de seu íntimo social, tal caráter filosófico revela sua função prática, isto é, a estruturação da práxis em si. Neste sentido, o presente estudo investiga os fundamentos éticos que sustentam o antagonismo de classe no pensamento de Marx. Para tanto, aborda a práxis filosófica na doutrina marxista sobre três campos de investigação, quais sejam: o Estado, enquanto objeto do poder burguês; a Burguesia, como classe coercitivamente opressora; e o Proletariado, agente de sua própria emancipação. A pesquisa possui como fontes primárias as obras "A miséria da filosofia", de Marx, e "A ideologia alemã", de Marx e Engels. Conclui que o Estado moderno e a Burguesia existem

necessariamente pela alienação do proletariado, enquanto este depende unicamente de sua própria conscientização para ser livre.

**Palavras-chave:** Karl Marx, modernidade, ética, antagonismo, práxis.

## **A antiguidade e a atualidade do humanismo em Tomás de Aquino: Diálogos entre Mondin e Lima Vaz**

***Wendel de Oliveira Rezende***

(Claretiano)

### **Resumo:**

Este artigo pretende ser uma análise da tese de Battista Mondin presente na publicação *O Humanismo filosófico* de Tomás de Aquino, segundo a qual o Aquinate teria sido um precursor dos humanistas do século XV, uma vez que muitas concepções filosóficas destes já se encontrariam prenunciadas no sistema daquele. Isso fica ainda mais claro quando se percebe: a visão altamente positiva de ser humano que o Doutor Angélico propõe; o retorno de seu pensamento à cultura grega (especificamente a filosofia de Aristóteles); e a enorme autonomia que ele concede ao homem (em sua razão, liberdade e cultura) em relação a Deus. Assim, espera-se demonstrar que Tomás de Aquino foi um humanista de considerável grandeza, no sentido amplo do termo, posto que perscrutou os mistérios do ser, de Deus e do ser humano de maneira realista e moderada, livre do pessimismo de alguns de seus predecessores patrísticos e medievais (muitas vezes não hesitando em questionar a autoridade exercida por eles). Igualmente almeja-se evidenciar a alta dignidade concedida pelo *Doctor Humanitatis* à pessoa humana e a relevância dessa concepção para tempos de objetivação do ser humano e desprezo por seu aspecto metafísico, como bem explicitou Lima Vaz na obra *Raízes da Modernidade* (*Escritos de Filosofia VIII*).

**Palavras-chave:** Tomás de Aquino, Humanismo, Ser Humano, Dignidade.